

**DISCURSO DA
DRA. MARIA TERESA JUNQUEIRA HENRIQUE,
NA OCASIÃO DA ENTREGA DO TÍTULO
DE PROF. EMÉRITO
AO PROFESSOR JOÃO MILTON HENRIQUE**

Maria Teresa Junqueira Henrique

Aprendi — quando ainda tinha capacidade para aprender — que todo homem possui duas histórias.

Uma história é aquela que acabamos de ouvir, relatada por ilustre Professor, nesta homenagem, que e, em nome da família, venho agradecer.

Foi realmente uma vida que evoluiu durante setenta e sete anos e se projetou na realização de um trabalho profissional, reconheçamos.

A outra história, aquela que anima essa realização, que impulsiona o indivíduo a concretizá-la, é a história da evolução de seu pensamento, de seus conhecimentos, da expressão de seu agir, da conceituação de sua verdade.

É a forma subjetiva da existência e da consciência.

É a essência íntima, é a substância real de toda a vida.

João Milton Henrique perseguiu, desde a sua juventude, a posse de uma consciência segura.

O estofo do qual era formado não lhe permitiria o cultivo da dúvida.

Enquanto dúvida em seu espírito, não passaria à ação.

Convicto, superada a incerteza, viria o trabalho na escola, no escritório.

Já dizia alguém a quem admiro:

“Se queres humana e cristãmente vencer na vida não vivas com impressões e sentimentos mas com inteligência, razão, vontade e fé cristã”.

E por esse motivo, baseando-se nesse motivo, que encontra, a família, a causa desta homenagem conjunta das Faculdades de Direito Federal e Milton Campos — a João Milton, e agradece aos senhores diretores e egrégias congregações a magnificência do ato.

E, ao prof. Wille, a generosidade das palavras.

A grande preocupação de João Milton era, sem dúvida, a realização da justiça.

No caminho percorrido, a defesa intransigente da ética nas relações humanas: não importava se dentro da família, nas escolas, no escritório com seus clientes, colegas e juízes.

Seu primeiro mestre foi, sem dúvida, Sandoval Babo.

Em seu escritório aprendeu, pela honestidade, pela cultura, pelo exemplo, pela ética, a velejar nas águas profundas aparentemente tranqüilas, enganosamente transparentes do caudal jurídico.

De lá, do escritório de José Sandoval Babo, trouxe o princípio que norteou seu trabalho no direito:

“Viver conforme a moral é viver conforme a razão, isto é, conforme os princípios que a razão estabelece”.

É possuir uma norma de conduta imposta pela própria consciência, é ser o escravo do exercício de sua integral liberdade.

Do escritório de Sandoval Babo trouxe, ainda, o influxo da amizade e do saber de Alfredo de Araújo Lopes da Costa de quem nada devo dizer porque não é culto bastante aquele que desconhece seu profundo saber jurídico, seu altíssimo grau de conhecimento, sua formação cristalina, sua cultura humana e cristã refletida em todo seu trabalho.

Viciou-se, então, em processo.

E, já não afirmava, o nosso processualista — para que o direito não somente exista, mas possa realizar-se, não é necessário o processo?

Depois — iniciando nosso curso nesta Faculdade, vetusta pelo decurso do tempo, jovem pelo idealismo de quem nela moureja, só poderíamos dela haurir os fundamentos jurídicos de nosso conhecimento e o condicionamento moral, ético, profissional, transmitido a nós, alunos da turma de 1940, pela magnitude das aulas, pela grandeza do exemplo, pela honestidade dos conceitos, pela idoneidade sem jaça de

Tito Fulgêncio

Magalhães Drumond

Odilon Andrade

— Discurso na ocasião da entrega do título de Prof. Emérito do prof. João Milton Henrique

Rodolfo Jacob

Lincoln Prates

Amílcar de Castro

Francisco Brant

Carlos Campos

Cândido Naves

Alberto Deodato

Washington Pires

E João Franzen de Lima, professor e paraninfo que nos enlevou, no instante memorável de nossa formatura, com uma grande lição:

“Lembrar-vos-ei que a felicidade que todos nós almejamos, reside em nós mesmos, é puramente subjetiva, somos nós que a despertamos pelo modo por que nos dirigimos na vida, pelas ações que reflitam o impulso da consciência, pelo dever cumprido sem tergiversações, pelo espírito de tolerância, pelo apego a tudo quanto tenha um sentido de honra e de dignidade, pela elevação com que encaramos os revezes tão próprios da vida. E em todos esses passos de que dependem a nossa felicidade, levantai para o alto o vosso pensamento e serão sempre iluminados os vossos caminhos; fazei da justiça a suprema aspiração de vossa vida e sereis autênticos servidores do direito”.

Hoje, nesta noite, para nós — filhos, netos, familiares — também memorável, agradecendo o recebimento do Título de Professor Emérito concedido a João Milton, em homenagem póstuma, devemos, com exato conhecimento de causa — são cinqüenta e nove anos de convivência — afirmar que correspondeu ele aos incentivos da elevada exortação de nosso paraninfo e de exemplos tão preciosos legados por nossos professores, e dizer do nosso agradecimento à Faculdade tão querida, a nossos professores tão saudosos, aos professores — seus últimos colegas, seus colegas de agora — que constituem a direção e a egrégia congregação da Faculdade de Direito da Universidade Federal de Minas Gerais.

João Milton porém, não se sentiu satisfeito somente com esse trabalho e, convocado por um grupo de professores amigos, com eles idealizou uma escola modelo, uma escola de cultura, uma escola de ação, com filosofia própria e ética bem definida.

A escola que se une à Federal, nesta última homenagem, vai crescer, tornar-se adulta, superadas as crises próprias da idade juvenil; será pujante pela força criadora de seus professores, e forte por possuir em sua direção homens gabaritados para o ofício; vai projetar-se no mundo científico, firmar-se na preparação do advogado — preparação para “uma árdua fadiga posta ao serviço da justiça; porque a missão do advogado não consiste na venda de seus conhecimentos por um preço chamado honorários, mas na luta diária pela atuação da justiça nas relações humanas. Esta missão não tem equivalentes pecuniários e por ela a remuneração que se paga não é o preço da paz que se procura, senão das necessidades de quem se consagra a esta nobre forma de vida”.

Segundo dizia João Milton — meu velho companheiro.

Como testemunhou o eminente juiz Páris Pena, em seção da Primeira Câmara do Tribunal de Alçada:

“Curioso que, nos processos em que deparei com o professor João Milton Henrique funcionando como advogado, quase que sistematicamente S. Exa. Pleiteava pelo mais fraco”.

São testemunhos como esse que nos permitem vaticinar que esse pugilo de jovens professores da Faculdade Milton Campos há de crescer, há de concorrer com seu entusiasmo e amor para a construção de não mais uma escola de Direito e, sim, da escola de Direito, predestinada a inúmeras vitórias.

Somos gratos, imensamente gratos, a sua manifestação à memória de João Milton.

Na vida de cada um de nós há tropeços.

Na vida de João Milton houve tropeços.

Sua sabedoria, porém, sua perspicácia foi vencer as pedras do caminho, ora contornando-as, ora superando-as, ora desprezando-as.

Se aqui, hoje, ele pudesse retornar, estaria comovido, abraçando cada um dos amigos, dizendo-lhes, com aquela sinceridade que lhe era peculiar, aquilo que toda sua família por meu intermédio, lhes fiz:

Muito e muito obrigado.